MILHO

DIANTE DA FALTA DE MELHORES OPÇÕES DE PLANTIO E, CONSIDERANDO-SE QUE O AGRICULTOR TRADICIONALMENTE PLANTADOR DE MILHO ENQUADRA-SE NA CATEGORIA DE PEQUENO PRODUTOR, DIFICILMENTE OCORRERÁ UMA DIMINUIÇÃO NO PLANTIO DO CEREAL, EM 1982/83. TALVEZ O ABASTECIMENTO DO PRODUTO FIQUE MAIS APERTADO, POIS COMEÇARÃO AS EXPORTAÇÕES PARA A URSS.

A área plantada com o milho na temporada 1981/82 no Centro-Sul do país, registrou acréscimo de 5,2% em relação à safra 1980/81 (ver **Agroanalysis**, vol. 5, nº 8) expansão inferior àquelas verificadas nas culturas de sorgo, arroz, algodão e amendoim da primeira safra. Em termos absolutos, o milho continuou a ser a cultura de maior área plantada na região, tendo aumentado substancialmente a diferença em relação à área da soja, que passou de 842 mil hectares, na safra 1980/81, para 1,6 milhão de ha na temporada 1981/82. Em suma, o milho ocupou quase 37% da área cultivada com as oito culturas mais importantes na porção meridional do país e 27% da área das onze culturas de maior destaque na região Norte-Nordeste (também, neste último caso, foi a cultura que maior espaço ocupou, isoladamente, muito embora tenha sofrido decréscimo de 2,3% em relação à área plantada na safra 1980/81).

Deste modo, o milho deverá, na atual temporada, responder por cerca de 59% da produção dos cereais brasileiros e 47% da produção dos cinco mais importantes grãos cultivados no país (amendoim, arroz, feijão, milho e soja), pois aguarda-se a obtenção de pouco mais de 23 milhões de t deste cereal.

Os maiores estados produtores, mais uma vez, foram o Paraná (5,4 milhões de t), Minas Gerais (3,9 milhões de t, embora ainda não seja o número definitivo, pois a colheita não está concluída) e Rio Grande do Sul (3,4 milhões de t), com o Centro-Sul produzindo cerca de 21,5 milhões de t, 93% da produção brasileira. A tendência do rendimento físico da cultura, no entanto, nesta região, foi de queda, em comparação com a média da safra 1980/81, a despeito de pequenos incrementos isolados terem sido verificados em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Em termos de Brasil como um todo, deverá ser obtida uma média de 1.751 kg/ha, já que os resultados da região Norte-Nordeste* deverão apresentar um ganho de cerca de 83% no rendimento, em cotejo com os parcos 271 kg/ha verificados na temporada anterior.

Embora ainda não se conheça a produção final do Norte e do Nordeste, o país deverá obter uma safra recorde de milho na temporada 1981/82, em resposta à melhor opção de cultivo vigente há cerca de um ano, quando da determinação dos VBCs e dos preços básicos oficiais para as culturas em geral. Particularmente, ao desincentivo à produção da soja, correspondeu um aumento da área cultivada com o milho, mediante a intensificação do interesse de grandes produtores pelo cultivo do cereal, em virtude

* colheita ainda não concluída.

do menor risco e do menor investimento necessário à produção.

Os preços do cereal, praticados tanto em nível de produtor quanto em nível de mercado atacadista, durante 1982, refletem a situação de um mercado bem abastecido, agravado pela retração dos principais segmentos consumidores que passam por uma fase de acomodação aos rigores da recessão econômica. A respeito, é oportuno lembrar que a estimativa de consumo da CFP para a temporada 1981/82 é de 22,5 milhões de t, ou seja, apenas 0,5% a mais do que o montante calculado para a temporada anterior.

O elevado custo financeiro da manutenção de estoques, o menor crescimento esperado para a avicultura este ano e o decréscimo previsto na produção de carne suína, são os três fatores que atuaram decisivamente sobre o mercado do milho este ano, ao atingirem pesadamente o setor de rações, responsável por cerca de 50% do consumo do cereal, no país. As indústrias, sabedoras da elevada oferta do produto nesta safra, acrescida pelo estoque remanescente (1,8 milhão de t) da safra passada, passaram a comprar esta matéria-prima para suas necessidades imediatas, evitando a formação de estoques. Em conseqüência, houve uma queda de 24,2% no preço médio real pago ao produtor paranaense durante os sete primeiros meses do ano (ou seja, durante o período de comercialização da safra, que atinge seu pico em abril/maio) comparativamente àqueles praticados um ano antes, como pode ser observado no Quadro 1. O Quadro 2, por sua vez, comprova que, também no nível do atacado, as cotações, no mesmo período, sofreram uma queda média de 25,1% em termos reais, em comparação aos preços vigentes nos mesmos meses de 1981.

De fato, à exceção do agricultor que colheu sua safra antecipadamente e vendeu seu produto de imediato, o nível de remuneração do produtor de milho foi, de um modo geral, inferior aos custos de produção. Para a safra 1981/82, esse diferencial negativo foi calculado em 6,4%, no Paraná, de acordo com os dados do Deral, para a faixa de produtividade de 2.280 kg/ha (Quadro 3). O valor absoluto do prejuízo médio dos produtores paranaenses foi de Cr$ 2.745,42/ha, ou quase três sacas de milho por hectare cultivado. Em relação ao pequeno produtor (dominante naquele estado) esta perda é considerada extremamente elevada, mormente num ano de especial aperto na liquidez de todos os setores da economia. Destaque-se que a opção quase única de venda, ao governo federal, ao preço mínimo de Cr$ 1.028,40* */60 kg, embora remuneradora de grande parte das despesas, causou um impacto psicológico negativo no produtor.

As aquisições de milho efetuadas pelo governo federal nas áreas produtoras evoluíram rapidamente, alcançando, em 12/08, cerca de 2,4 milhões de t, nível recorde que representa mais de 10% da safra esperada. Se bem que, deste total, ainda devam vir a ser subtraídas 250 mil t para exportação, dentro da

QUADRO 1

PARANÁ — Preços Recebidos pelos Produtores de Milho — Cr$/60 kg — Janeiro a Julho de 1981 e de 1982

Mês	1982 (nominal)	Em Cr$ de Janeiro de 1981 (A)	1981 (nominal)	Em Cr$ de Janeiro de 1982 (B)	A/B
janeiro	795	408,4	690	690,0	0.59
fevereiro	800	384,6	673	620,4	0.62
março	839	376,0	568	487,7	0.77
abril	920	391,3	522	425,0	0.92
maio	914	366,5	550	421,6	0.87
junho	952	353,5	580	425,6	0.83
julho	953	333,5	539	376,4	0.89

FONTE: Departamento de Economia Rural do Paraná.

QUADRO 2

MILHO — Cotação Média Mensal na Bolsa de Cereais de São Paulo — Janeiro a Julho de 1981 e 1982 — Valores Nominais e Reais para Janeiro 1981 (IGP col. 2) — Cr$/60 kg

1981	Nominal	Real	1982	Nominal	Real
Janeiro	899,75	899,75	Janeiro	1.060,00	544,00
Fevereiro	827,00	762,30	Fevereiro	1.062,60	510,80
Março	711,85	611,20	Março	1.150,00	515,60
Abril	710,00	578,00	Abril	1.118,70	475,80
Maio	710,00	544,00	Maio	1.080,00	433,00
Junho	693,60	509,00	Junho	1.102,00	409,00
Julho	700,20	489,00	Julho	1.155,45	404,50

FONTE: Bolsa de Cereais de São Paulo.

meta de vendas de 500 mil t ao exterior, ainda sobrará o volume considerável de 2,15 milhões de t.

A este respeito, vale lembrar, também, que a exportação do cereal tornou-se possível, após a certificação de que o abastecimento do Nordeste estava garantido, por um programa específico de transferência de estoques àquela região. Se todo o volume programado for exportado, poderá ocorrer um certo aquecimento do preço do cereal no mercado interno, além de um desafogo nos estoques da CFP. Isto servirá também como um reforço, ainda que moderado, ao almejado superávit da balança comercial deste ano, se bem que às custas de subsídio considerável: as duas primeiras concorrências para exportação à Espanha, para embarques em agosto e setembro, foram efetivadas ao preço médio de Cr$ 15,91/kg, contra o preço mínimo de Cr$ 17,14/kg (sem contarmos a despesa de transporte deste produto no tempo), tendo significado a arrecadação de 20 milhões de dólares.

Infelizmente, estas vendas ao exterior deram-se numa época em que o mercado internacional de grãos, de um modo geral, encontra-se bastante ofertado. No âmbito mundial, o balanço final de oferta e demanda de grãos, da temporada 1981/82, elaborado pelo USDA, aponta para uma produção de 1,498 bilhão de toneladas (quase 5% maior do que a ante-

** Quantia da qual ainda devem ser subtraídas as despesas adicionais, relativas a classificação do produto, sacaria, etc.

QUADRO 3

*PARANÁ — Cálculo da Rentabilidade do Produtor*de Milho na Safra 1981/82*

1. Produtividade Média no Paraná, safra 1981/82 (fonte: CFP)	2.350 kg/ha
2. Preço Mínimo para a Safra 1981/82	Cr$ 1.028,40/60 kg
3. Valor Bruto da Produção	Cr$ 40.279,00/ha
4. Custos Variáveis, à Produtividade de 2.280 kg/ha	Cr$ 33.361,82/ha
5. Custo Total, à Produtividade de 2.280 kg/ha (incluindo-se o IAPAS)	Cr$ 43.024,42/ha
6. Receita Líquida (não deduzidos os custos fixos)	Cr$ 6.917,18/ha
7. Valor Bruto — Custo Total (prejuízo do produtor)	(Cr$ 2.745,42/ha)

* Utilizaram-se os custos total e variável de produção elaborados pelo Deral para a produtividade de 2.280 kg/ha nestes cálculos, que tomam por base a produtividade média da safra de milho paranaense 1981/82, de 2.350 kg/ha.
FONTES: Seag/Deral, CFP e Fecotrigo.

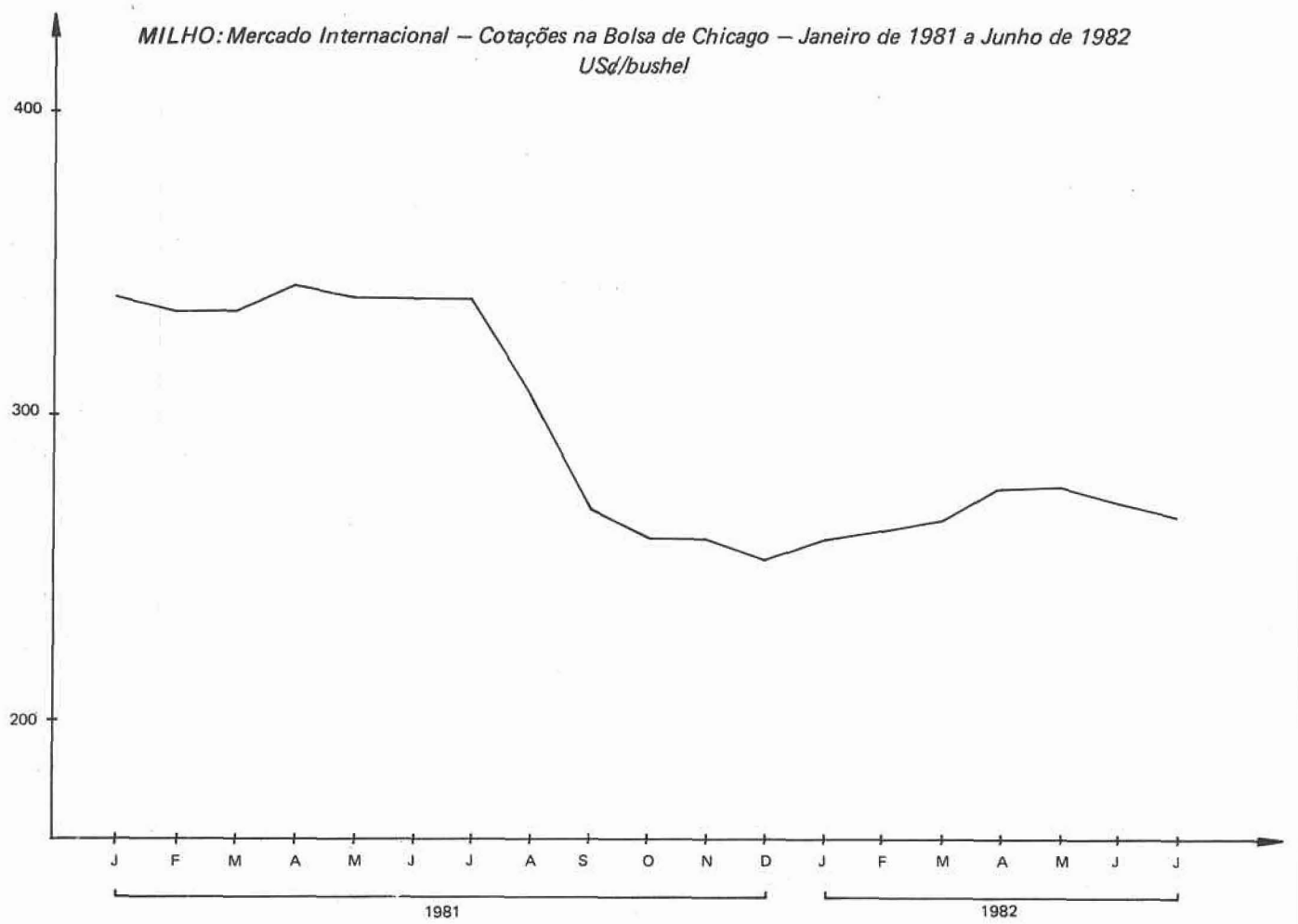
rior) que, somada ao estoque inicial de 180 milhões de t, perfaz uma oferta de quase 1,7 bilhão de t de grãos, redundando num estoque final de 215 milhões de t. No caso do milho, em especial, os EUA, isoladamente, lograram alcançar, na temporada passada, uma produção recorde de 208,3 milhões de t, que, somada ao estoque inicial de 26,3 milhões de t, e deduzido o seu consumo interno, significou uma oferta potencial para exportação de 105,5 milhões de t, das quais apenas 55,2 milhões de t foram efetivamente vendidas ao exterior. Compreende-se, desta forma, por que, em fins de abril, o preço médio do milho ao produtor norte-americano estivesse em apenas US¢ 2,50/**bushel**, enquanto que, um ano antes, havia alcançado US$ 3,11/**bushel**. Ao mesmo tempo, o estoque da **Commodity Credit Corporation** alcançava um volume 32,4% superior ao de igual época de 1981, ao atingir 8 milhões de t. O Gráfico 1 mostra, por sua vez, o comportamento em geral declinante das cotações do cereal na Bolsa de Chicago, desde janeiro do ano passado.

Tudo indica que, durante a temporada 1982/83, o mercado internacional de grãos deverá apresentar-se novamente bastante ofertado, crescendo a produção mundial para 1,5 bilhão de t, com um excesso de 238 milhões de t acima da demanda prevista. Certamente, o peso que este excedente disponível no mercado internacional exercerá sobre as cotações de **commodities** terá reflexos no Brasil, já que este país deverá ser responsável por cerca de 3% da produção mundial de grãos forrageiros esperada para 1982/83. Novamente, os EUA deverão registrar uma elevada oferta de milho, chegando a 264 milhões de t, 12% a mais do que a oferta da temporada anterior, enquanto que o seu consumo interno deverá crescer apenas 3,3% no período.

No Brasil, o governo federal determinou reajustes nominais nas faixas de financiamento de cus-

GRÁFICO 1

MILHO: Mercado Internacional – Cotações na Bolsa de Chicago – Janeiro de 1981 a Junho de 1982
US¢/bushel



teio para o plantio de milho, na próxima safra, que variam entre 71,8% e 107,3%, sendo que este último percentual refere-se à faixa mais alta de produtividade (acima de 5 t/ha) criada este ano. Em média, o reajuste ficou em 84,5%, conforme mostra o Quadro 4, que compara os valores oficiais, tanto desta safra quanto da passada, às propostas do Deral/PR e da Organização das Cooperativas Brasileiras. Observe-se que, para a safra atual, os números oficiais estão mais próximos daqueles sugeridos pelo órgão paranaense do que estiveram em 1980/81.

Ainda para o estado do Paraná, de acordo com os dados do Deral, a cobertura institucional (relação entre o VBC e o custo de produção) para a safra 1982/83 aumentou significativamente em relação à anterior, tendo passado, no caso do rendimento de 2.520 kg/ha (média do estado) de 42% para 51% (ver Quadro 5). Também a relação entre o preço mínimo e os custos de produção apontam maior vantagem para a temporada 1982/83, só não havendo quociente superior à unidade no caso de o rendimento ser de 2.520 kg/ha.

A análise dos dados constantes nos Quadros 4 e 5, evidencia que, embora não sendo ideais as condições de financiamento e o preço mínimo de garantia para a safra 1982/83 são, pelo menos, superiores àquelas oferecidas na safra passada.

QUADRO 4

PARANÁ: Comparação entre os Valores Básicos de Custeio Oficiais e os Calculados pelo Departamento de Economia Rural e pela OCB — Safras 1981/82 e 1982/83

Faixa de Produtividade	VBC Oficial (A) (Cr$/ha)	Deral (B) (Cr$/ha)	OCB (C) (Cr$/ha)	A/B	A/C
Safra 1981/82					
até 900 kg/ha	7.700				
901 a 1300 kg/ha	11.700		15.850,32		0.74
1301 a 1700 kg/ha	13.400	21.833,19	19.038,19	0.61	0.70
1701 a 2100 kg/ha	16.200	25.277,24	20.568,21	0.64	0.79
2101 a 2500 kg/ha	18.900		24.770,13		0.76
2501 a 3000 kg/ha	21.800	31.594,13	32.344,69	0.69	0.67
3001 a 3500 kg/ha	24.700	32.278,79	37.841,76	0.77	0.65
3501 a 4000 kg/ha	28.400		40.075,07		0.71
4001 a 5000 kg/ha	32.800				
+ de 5000 kg/ha	32.800				
Safra 1982/83					
até 900 kg/ha	14.100				
901 a 1300 kg/ha	20.100				
1301 a 1700 kg/ha	25.800	34.158,66	31.842,17	0.76	0.81
1701 a 2100 kg/ha	29.700	40.045,54	40.894,30	0.74	0.73
2101 a 2500 kg/ha	34.300		47.608,40		0.72
2501 a 3000 kg/ha	41.000	53.671,03	52.897,86	0.76	0.78
3001 a 3500 kg/ha	45.000	69.384,75	65.829,63	0.65	0.68
3501 a 4000 kg/ha	50.800		68.663,78		0.74
4001 a 5000 kg/ha	57.900		75.374,40		0.77
+ de 5000 kg/ha	68.000		81.476,54		0.84

FONTES: Deral/PR e OCB.

QUADRO 5

PARANÁ: Valores Básicos de Custeio, Preço Mínimo e Custo Operacional da Lavoura de Milho — Safra 1982/83 e, em Parênteses, Safra 1981/82

	Faixas de Produtividade (kg/ha)			
Safra 1982/83	1.500,00	1.800,00	2.520,00	3.600,00
Safra 1981/82	(1.680,00)	(1.980,00)	(2.520,00)	
Crédito de Custeio Necessário à Produção (Cr$/60 kg)	1.366,35	1.334,85	1.277,88	1.156,41
	(779,76)	(765,98)	(752,24)	
VBC alocado à produção (Cr$/60 kg)	1.032,00	990,00	976,20	846,67
	(478,57)	(490,91)	(519,05)	
Custo de Produção (Cr$/60 kg)	1.768,52	1.900,18	1.931,72	1.841,98
	(1.255,59)	(1.239,80)	(1.249,48)	
Cobertura Institucional (VBC/CP) em %	58,00	52,00	52,00	46,00
	(38,00)	(40,00)	(42,00)	
Preço Mínimo*(Cr$/60 kg)	1.919,35	1.919,35	1.919,35	1.919,35
	(1.028,40)	(1.028,40)	(1.028,40)	
Relação PM/CP	1,09	1,01	0,99	1,04
	(0,82)	(0,83)	(0,82)	

* para a safra 1982/83, preço básico de Cr$ 1.392,00/60 kg, reajustado entre agosto/82 e janeiro/83 a 5,5% ao mês.
FONTE DOS DADOS BRUTOS: Deral/PR.

Esta hipótese é confirmada pelos dados contidos nos Quadros 6 e 7. Ambos foram elaborados com base nos dados de custo de produção calculados pelo Deral para o estado do Paraná, nas safras 1981/82 e 1982/83 (estimativa). No caso do Quadro 7, comparam-se os custos de produção de pequenos, médios e grandes produtores, com o preço mínimo projetado para a época da colheita. Estimam-se, também, os custos do financiamento complementar, obtido em bancos privados, à taxa de juros de mercado.

A análise dos dados contidos nos Quadros 6 e 7 revela que a situação de prejuízo dos pequenos e médios produtores paranaenses deverá repetir-se, em menor grau, caso vendam sua produção ao preço mínimo de garantia, no ano-safra 1982/83. Somente aqueles agricultores enquadrados na categoria intermediária poderão auferir renda líquida positiva, muito embora seu reduzido valor dificilmente a caracterize como lucro. Observe-se, no Quadro 8, que o preço mínimo projetado para o milho representa o menor aumento em relação ao preço mínimo vigente na safra 1981/82, dentre as cinco lavouras temporárias mais importantes.

Paralelamente, o prejuízo que o agricultor de milho provavelmente sofreu este ano reduziu, de forma bastante significativa, sua capacidade de autofinanciamento. Em conseqüência, muito embora a cobertura institucional do VBC seja mais favorável ao produtor, na próxima safra, o agricultor poderá ser levado a dispensar à cultura tratos menos apurados, reduzindo a despesa com insumos dispendiosos (como, por exemplo, os fertilizantes e defensivos).

Desse modo, a possibilidade de redução da área a ser plantada com o milho nesta safra parece mais remota, em função da própria estrutura de cultivo deste cereal, cuja maioria dos produtores enquadra-se na categoria de pequeno agricultor (segundo levantamento efetuado pelo INCRA, em 1978, pouco mais da metade da colheita do milho, no país, era efetuada por esta categoria de produtores). A essa faixa de produtores faltam opções de plantio, uma vez que sua produção é, em grande parte, voltada para o auto-consumo.

Por outro lado, especula-se que possa haver um retorno ao cultivo da soja por parte dos médios

QUADRO 6

PARANÁ: Comparação entre Diversos Indicadores Econômicos de Pequenos e Médios Produtores de Milho — Safra 1981/82

Discriminação	Pequeno Produtor (1980 kg/ha)	Médio Produtor (2820 kg/ha)
1) Custo de Produção (Cr$/ha) — Deral	40.913,44	59.080,37
2) Custo Variável (Cr$/ha) — Deral	29.145,79	39.216,81
3) VBC Oficial (Cr$/ha) — CFP	16.200,00	21.800,00
4) Limite Financiamento Subsidiado	100%	80%
5) Financiamento Obtido (Cr$/ha) [3 x 4]	16.200,00	17.440,00
6) Juros subsidiados (45% a.a.)	3,15% a.m.	3,15% a.m.
7) Valor dos Juros subsidiados(1) (Cr$) [1,0315 ^{8} x item 5]	4.561,92	4.911,04
8) Financiamento Governamental + Juros (Cr$) [5 + 7]	20.761,92	22.351,10
9) Financiamento a ser obtido no mercado (Cr$) [2 — 5]	12.945,79	21.776,81
10) Juros de mercado (100%)	6,0% a.m.	6,0% a.m.
11) Valor dos Juros(1) (Cr$) [1,06 ^{8} x Cr$ 12.945,79]	7.688,51	12.933,25
12) Financiamento no mercado + Juros (Cr$) [9 + 11]	20.634,29	34.710,06
13) Principal + juros a serem pagos após a colheita (Cr$/ha) [8 + 12]	41.396,21	57.061,16
14) Preço Mínimo (Cr$/60 kg)	1.028,40	1.028,40
15) Renda auferida por hectare (Cr$) [14 x rendimento/ha]	33.937,20	48.334,80
16) Renda — Despesa (Cr$/ha) [15 — 13]	(7.459,01)	(8.726,36)

(1) supondo-se utilização de agosto de 1981 a março de 1982.
FONTES: DERAL/PR. Bacen, CFP.

e grandes produtores que, na última safra, optaram pelo cereal e se frustraram na fase de comercialização. A este respeito, colocam-se duas questões fundamentais: a perspectiva pouco promissora quanto à comercialização da soja, no mercado externo, na próxima temporada, e a própria descapitalização dos produtores, que estaria sinalizando favoravelmente para o milho, lavoura de menor risco e que requer menor investimento.

No entanto, mesmo sendo possível antecipar dificuldades para a soja, é possível que, dispondo do crédito votado pelo CMN e que será repassado a uma taxa de juros anual inferior à de mercado, certos produtores ainda retornem ao plantio da leguminosa, considerando que a perspectiva do mercado externo do milho também não é das mais promissoras.

Não se sabe ao certo quantos hectares de soja foram tomados pelo milho em 1981/82, o que dificulta qualquer tentativa de previsão quanto à redução que significaria para o cultivo do cereal esta reversão de preferência. Contudo, este montante dificilmente será tão alto, a ponto de causar, por si só, uma diminuição brusca da área a ser plantada com o milho na temporada 1982/83.

Em relação aos principais estados produtores, o Paraná parece ser o único que pretende aumentar sua área plantada com o milho este ano. Nos demais, nota-se a intenção generalizada de repetir-se ou diminuir, ainda que levemente, a área plantada na safra passada. Assim, em Goiás e Santa Catarina, estados que, conjuntamente, produziram 4,83 milhões de t (21% da safra nacional) em 1981/82, a área de cultivo do milho deverá sofrer redução. Em Santa Catarina, no entanto, esta redução da área poderá dar-se num nível moderado, em função da tradicional conjugação do cultivo deste grão à criação de suínos*. Ademais, o rendimento médio verificado na lavoura catarinense de milho, em 1981/82, à seme-

* Cerca de 80% da demanda total de milho em Santa Catarina são para consumo animal.

QUADRO 7

PARANÁ: Comparação entre os Custos de Produção e a Renda Auferida pelos Produtores de Milho, segundo a Classificação do Produtor – Safra 1982/83

Discriminação	Pequeno Produtor (2.000 kg/ha)	Médio Produtor (3.000 kg/ha)	Grande Produtor (4.000 kg/ha)
1) Custo de Produção (Cr$/ha)	57.005,39	81.132,35	110.518,96
2) Custo Variável (Cr$/ha)	45.368,57	63.006,82	84.719,85
3) VBC oficial (Cr$/ha)	29.700,00	41.000,00	50.800,00
4) Limite Financiamento Subsidiado	100%	70%	50%
5) Financiamento Obtido (Cr$/ha) [3 x 4]	29.700,00	28.700,00	25.400,00
6) Juros Subsidiados (45% a.a.)	3,15% a.m.	3,15% a.m.	3,15% a.m.
7) Valor dos Juros(1) (Cr$) [1,0315 ^{8} x item 5]	8.363,52	8.081,92	7.152,64
8) Financiamento Governamental + Juros (Cr$) [5 + 7]	38.063,52	36.781,92	32.552,64
9) Financiamento a ser obtido no mercado (Cr$) [2 – 5]	15.668,00	34.366,00	59.319,00
10) Juros de Mercado (125,1% a.a.(2))	7,0% a.m.	7,0% a.m.	7,0% a.m.
11) Valor dos juros (1) (Cr$) [1,07 ^{8} x item 9]	11.252,76	24.681,66	42.602,91
12) Financiamento mercado + juros (Cr$) [9 + 11]	26.920,76	59.047,66	101.921,91
13) Principal + juros a serem pagos após a colheita (Cr$) [8 + 12]	64.984,28	95.829,58	134.474,55
14) Suposição Preço Mínimo Safra 1982/83(3) (Cr$/60 kg)	1.919,35	1.919,35	1.919,35
15) Renda auferida por hectare (Cr$) [14 x rendimento/ha]	63.978,00	95.967,00	129.957,00
16) Renda – Despesa (Cr$) [15 – 13]	(1.006,28)	137,42	(4.517,55)

(1) supondo-se utilização de agosto 198

(1) supondo-se utilização de agosto de 1982 a março de 1983.
(2) voto do CMN de 11/08/82: 101% a.a. de correção monetária e 12% a.a. de juros.
(3) preço básico de Cr$ 1.392,00/60 kg reajustado entre agosto/1982 e janeiro/1983 a 5,5% a.m.
FONTES: DERAL/PR, Bacen, CFP.

QUADRO 8

*BRASIL: Produtos Selecionados: Comparativo dos Preços Mínimos da Safra 1981/82, Preços Básicos para a Safra 1982/83 e Preços Mínimos Estimados*para a Safra 1982/83*

Produto	Preço Mínimo Safra 1981/82 (A)	Preço Base Safra 1982/83	Preço mínimo Safra 1982/83*(B)	B/A
Algodão (Cr$/@)	684,90	1.330,00	1.833,90	2,68
Milho (Cr$/60 kg)	1.028,40	1.392,00	1.919,35	1,87
Feijão (Cr$/60 kg)	3.709,80	5.985,00	7.027,83	1,89
Arroz (Cr$/60 kg)	1.308,00	1.900,00	2.619,80	2,00
Soja (Cr$/60 kg)	1.322,00	1.800,00	2.481,92	1,88

*cálculo feito a partir de um INPC mensal da ordem de 5,5%.
FONTE: CFP.

lhança de São Paulo, alcançou 2.500 kg/ha (quase 17% acima da média verificada no Centro-Sul) garantindo-lhe uma boa produção.

Os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, que representam, em conjunto, 24% e 28% da área e produção nacionais, deverão apresentar uma certa estabilidade em relação à área cultivada na safra 1981/82. A tradicionalidade da lavoura gaúcha, fortemente vinculada à suinocultura (e, mais recentemente, à avicultura) e a demanda do parque industrial instalado em São Paulo são fatores que, nestes dois estados, afastam qualquer perspectiva de queda da área cultivada com o milho.

Resta, ainda, Minas Gerais, estado responsável por 17% da produção do país na última temporada. No momento, subsistem dificuldades para a previsão da área a ser cultivada na próxima safra mineira, uma vez que a época de plantio, a partir de outubro, é ligeiramente retardada em relação aos demais estados. Mesmo assim, não parece provável a diminuição da área plantada com milho em Minas Gerais, levando-se em consideração não só o caráter tradicional do cultivo do cereal para consumo, tanto humano quanto animal, mas, também, o próprio sistema de produção agrícola daquele estado, relativamente atrasado em relação aos estados sulinos. Haja visto que o rendimento médio do estado foi 11,2% inferior à média do Centro-Sul. Este baixo desempenho deveu-se, em parte, à dificuldade do pequeno produtor em adquirir a semente híbrida de milho, passando a optar pela utilização da semente de paiol, de baixo poder germinativo, menos produtiva e de pouca resistência a doenças.

Assim sendo, é possível que a área a ser plantada na região Centro-Sul, com o milho, na temporada 1982/83, situe-se entre os 9,5 milhões de hectares da safra 1980/81 e os 10 milhões de ha da safra 1981/82. A queda do rendimento médio da lavoura, conjugada a uma, ainda que ligeira, diminuição da área plantada, poderá ter efeitos desastrosos no abastecimento do milho.

No que diz respeito às regiões Norte e Nordeste, a estatística final da safra deste ano só será divulgada após setembro, quando se encerra a colheita no Nordeste. A CFP estima que as duas regiões conseguirão produzir perto de 1,5 milhão de t (78% a mais do que em 1980/81) em virtude do aumento de 83% esperado na produtividade regional. Na realidade, a produtividade esperada de 495 kg/ha não significa nenhum avanço, uma vez que, no ano passado, a safra nordestina do cereal apresentou um rendimento extremamente baixo, devido a problemas climáticos, o que poderá não se repetir este ano, muito embora a produtividade regional permaneça muito abaixo do rendimento do Centro-Sul.

Mesmo que o volume de produção esperado, este ano, para a safra setentrional, não venha a ser totalmente alcançado, o abastecimento do Nordeste (cerca de 50 mil t por mês) não sofrerá solução de continuidade nesta temporada, em face da disponibilidade ampla do produto no Centro-Sul.

A conjugação de uma oferta recorde de milho na temporada 1981/82 com um consumo de apenas 22,5 milhões de t trouxe dois resultados positivos. Em primeiro lugar, em relação à avicultura e à suinocultura, possibilitou a obtenção de resultados financeiros não tão ruins, como seria de se esperar num ano de retração da demanda e de maior concorrência da carne bovina. Em segundo, evitou maiores pressões sobre os índices de preços, em uma fase de recrudescimento da inflação.

Resta saber até que ponto pode-se contar com uma repetição deste quadro de folga no abastecimento do cereal durante o decorrer da temporada 1982/83. De antemão, sabe-se que 500 mil t estarão comprometidas para venda à URSS no ano que vem, dando início ao acordo de longo prazo de exportação do produto, num total mínimo de 2 milhões de t, até 1986.

Paralelamente, com a reversão do ciclo da pecuária bovina que, esperava-se, ocorreria em 1982 e, agora, no próximo ano, é provável que o maior crescimento dos setores de carnes substitutas pressione a demanda por rações, aquecendo os preços do milho e remunerando o produtor deste grão em níveis melhores do que os vigentes na temporada 1981/82.

Esta perspectiva, associada à possibilidade de a safra vir a ser igual ou ligeiramente inferior à precedente, faz crer que o milho a ser produzido na atual temporada venha a ser comercializado em níveis que proporcionem maior lucratividade ao produtor rural, reacendendo-lhe a confiança que, tradicionalmente, deposita neste cereal.